

FACULDADE UNINA  
CURSO DE PEDAGOGIA

DEBORAH COSTA CASTILHANO DA SILVA

**A RELAÇÃO ENTRE A MÃE E O BEBÊ E A INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL : UMA VISÃO WINNICOTTIANA**

CURITIBA  
2020

DEBORAH COSTA CASTILHANO DA SILVA

**A RELAÇÃO ENTRE A MÃE E O BEBÊ E A INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL: UMA VISÃO WINNICOTTIANA**

Trabalho de Conclusão de curso  
apresentado ao Curso de Pedagogia em  
Licenciatura da Faculdade São Braz

Orientador: Prof. Dra. Yara Rodrigues de  
La Iglesia

CURITIBA

2020

## FACULDADE UNINA

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos 01/07/2020, reuniu-se a banca para a defesa da monografia de conclusão de curso de Pedagogia, da acadêmica: DEBORAH COSTA CASTILHANO, intitulada: A RELAÇÃO ENTRE A MÃE E O BEBÊ E A INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA VISÃO WINNICOTTIANA. A banca examinadora, sob a presidência da Prof.<sup>a</sup> Dra. Yara R. de la Iglesia, foi constituída pelos (as) professores (as) Dr. Marcus Quintanilha da Silva; Dra. Wilma de Lara Bueno. Após exposição oral, a candidata foi arguida pelos componentes que analisaram o trabalho e decidiram pela sua APROVAÇÃO com a nota 100. Para constar foi lavrada a presente Ata que depois de lida e aprovada vai assinada pelos membros da banca.

Observações: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Presidente

\_\_\_\_\_  
Membro da banca

\_\_\_\_\_  
Membro da banca

\_\_\_\_\_  
Acadêmico (a)

Curitiba \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar ao meu salvador Jesus Cristo, por me conceder tudo o que eu preciso, sem seu apoio e proteção, eu não conseguiria vencer as dificuldades da vida, te amo por tudo o que tu és.

Um especial agradecimento a minha mãe Renilda, que sempre se doou por inteira, que dedicou sua vida e que com certeza é uma mãe suficientemente boa. Obrigada por não desistir quando eu só te decepcionei, por ser meu exemplo de mulher e mãe, te amo com todas as minhas forças.

Agradeço aos meus filhos, pois vocês são as âncoras que me mantêm em pé, espero que um dia me perdoem pelas ausências, obrigada por sempre terem um sorriso no rosto e por me esperarem, mesmo cansados, meu beijo de boa noite, Pedro Augusto e Maria Helena vocês são os melhores filhos que eu poderia ter.

Meu muito obrigada ao meu companheiro Bruno, que me apoiou durante esses quatro anos de curso, aturou meus surtos e reclamações, por pagar a cantina da faculdade e por sempre ser disponível para me levar para casa, grata por esse cuidado e por não desistir de nós, que nosso amor seja leve, recíproco e cheio de empatia pra sempre.

Grata a minha família, as minhas irmãs Amanda e Kamilla, ao meu sobrinho Elijah que amo tanto, a minha prima/irmã favorita Ethiene, e aos que sempre me incentivaram, oraram e torceram por mim. Esse apoio fez toda a diferença para que eu continuasse.

Aos ausentes, quero dizer que agradeço, pois vocês me formaram com pessoa. Tia Maria Zélia, sinto muito por não poder festejar com você mais essa conquista, lembro que dizia que ia no meu casamento e formatura, mas infelizmente não era os planos de Deus, perpetuei a senhora no meu coração. Ao meu pai Joilson, tenho dificuldades em escrever, pois a emoção é muito forte e meu peito dói, não ter você nesse dia tão especial é quase insuportável, te amo, sei que ainda vou te encontrar. Vovó Egídia, eu te amo, sei que você sempre torceu por minha felicidade e que orava ao Senhor que me protegesse, sua risada e seu jeito satirizado, levo em minha personalidade, assim como o referencial de mulher forte que foi. Obrigada por ser meu exemplo, saudades. Seu João, meu padrasto que tanto, briguei e que amei, você me

foi minha referência de pai, mesmo que eu não quisesse, obrigada por me acolher quando te magoei, agradeço por ajudar minha família, e por amar tanto minha mãe e meu Pedrinho, sinto muito por não poder estar aqui.

Agradeço pelas pessoas especiais que a faculdade me deu Camilla e Sandra, não esquecerei das nossas conversas, dos trabalhos, das discussões e risadas. Nesses quatro anos dividi minha vida com vocês e foi lindo poder compartilhar. Sou grata também, por meus colegas da turma Monteiro Lobato, muitas vezes vocês me ajudaram, principalmente em minha gravidez, muito obrigada.

Agradecimento especial, a minha professora favorita Yara Rodrigues de La Iglesia, que tive o prazer de tê-la também como minha orientadora, você me ensinou tantas coisas especiais, me fez chorar e rir em sala, teve o poder de me transformar em um ser humano melhor.

Grata aos meus professores, que me suportaram e me ensinaram mais do que eu imaginava, desculpa pelas falhas e decepções, guardarei as boas experiências no coração e as compartilharei com meus futuros alunos e crianças.

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo estudar a relação entre a mãe e o bebê na perspectiva winnicottiana. Nesse sentido, busca-se analisar as primeiras relações materno-infantis a partir de três proposições teóricas: a relação mãe-bebê, o conceito da mãe suficientemente boa e a análise do acolhimento do bebê na creche, por meio da abordagem Winnicottiana. A metodologia utilizada foi a revisão da literatura. Grande parte da revisão bibliográfica foi realizada por meio das obras de Donald W. Winnicott e de seus colaboradores, principalmente, Zeljko Loparic. Os artigos foram retirados do acervo Loparic, disponibilizadas de forma online. Pôde-se verificar que para Winnicott cada ser humano traz um potencial inato para amadurecer, para se integrar. Mas não é o ambiente que faz o bebê crescer, nem determina o sentido desse crescimento, mas apenas facilita, quando for suficientemente bom. Para que o bebê se desenvolva de forma saudável, ele precisa de uma mãe dedicada, tanto do ponto de vista físico, como psicológico. Esta dedicação deve ser através de uma relação empática e da adaptação sensível da mãe às necessidades do bebê. Quando o bebê sai do núcleo familiar e passa a frequentar espaços coletivos, ele enfrenta um momento estressante. Nesse sentido, é fundamental que os profissionais da educação infantil busquem estratégias de acolhimento do bebê e de sua família.

**Palavras-chave:** Psicanálise winnicottiana. Mãe-bebê. Relação família-escola.

## **ABSTRACT**

This work aims to study the relationship between mother and baby in the Winnicottian perspective. In this sense, research the first maternal and child relationships based on three theoretical proposals: a mother-baby relationship, or the concept of mother, well and an analysis of childcare at the daycare center, using the Winnicottian approach. The methodology used was a literature review. Much of the bibliographic review was carried out through the works of Donald W. Winnicott and his collaborators, mainly Zeljko Loparic. The articles were removed from the Loparic collection, made available online. It was possible to verify that Winnicott each human being brings an innate potential to mature, to integrate. But it is not the environment that makes the baby grow, nor does it determine the direction of that growth, but only facilitates, when allowed. For the baby to develop a healthy shape, he needs a dedicated mother, both physically and psychologically. This dedication must be carried out through an empathic relationship and a sensitive adaptation of the mother to the baby's needs. When the baby leaves the family nucleus and starts to attend collective spaces, he faces a stressful moment. In this sense, it is essential that early childhood education professionals seek strategies to welcome the baby and his family.

**Keywords:** Winnicottian psychoanalysis. Mother-baby. Family-school relationship.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1 - UM OLHAR PARA A PSICANÁLISE WINNICOTTIANA.....</b>	<b>10</b>
1.1 UMA BREVE HISTÓRIA .....	10
1.2 DO PARADIGMA FREUDIANO DO COMPLEXO DE ÉDIPO PARA A RELAÇÃO DA MÃE COM O BEBÊ .....	11
<b>CAPÍTULO 2 - O CONCEITO DE MÃE SUFICIENTEMENTE BOA NA TEORIA DO .....</b>	<b>14</b>
<b>AMADURECIMENTO PESSOAL .....</b>	<b>14</b>
2.1 A MÃE SUFICIENTEMENTE BOA .....	14
2.2 DA DEPENDÊNCIA À INDEPENDÊNCIA .....	16
2.3 TENDÊNCIA À INTEGRAÇÃO .....	19
2.4 A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE .....	20
2.5 PREOCUPAÇÃO MATERNA PRIMÁRIA .....	21
2.6 PRIMEIRA MAMADA TEÓRICA .....	23
2.7 AS TRÊS TAREFAS FUNDAMENTAIS.....	23
2.8 AS RELAÇÕES OBJETAIS E O OBJETO TRANSICIONAL .....	24
<b>CAPÍTULO 3 – A FAMÍLIA A CRECHE E O PROFESSOR .....</b>	<b>27</b>
3.1 O ACOLHIMENTO FORA DE CASA .....	27
3.2 A INSERÇÃO DO BEBÊ .....	30
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>





## INTRODUÇÃO

Abordar o tema da relação entre a mãe e o bebê em um trabalho de conclusão de curso de Pedagogia, pode parecer, à primeira vista, irrelevante. É verdade, que a motivação pessoal em pesquisar esta temática, foi o fato de eu ter me tornado mãe recentemente. Me sentindo motivada em buscar respostas teóricas sobre as bases da relação que estabelecia com meu bebê.

Geralmente é a mãe a cuidadora primária, é ela quem cuida e educa o bebê. Mas não necessariamente e nem sempre é ela quem ocupa este lugar. Atualmente, a procura por instituições educacionais tem apresentado um crescimento expressivo. Os bebês estão chegando cada vez mais cedo na educação infantil. São diversas as motivações que levam a família a procurar por instituições educacionais, desde questões sociais, econômicas, profissionais, ou por acreditar, que esses contextos coletivos podem contribuir para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo do bebê.

Iniciando do pressuposto que a profissionalização docente para educar e cuidar bebês em contexto coletivo é bem mais que competência teórica e metodológica e que o ato educativo não se situa somente no plano pedagógico. Partindo dessa premissa, foi elaborada a pergunta de partida: como se estabelece a relação entre a mãe e o bebê? Na tentativa de responder esta pergunta se definiu como objetivo geral: estudar a relação entre a mãe e o bebê e a inserção na educação infantil desde a perspectiva winnicottiana. Como objetivos específicos: analisar o desenvolvimento do bebê por meio dos cuidados maternos; explicar a relação mãe-bebê a partir do conceito de “mãe suficientemente boa”; estudar o acolhimento do bebê na instituição educacional por meio da abordagem Winnicottiana.

A metodologia adotada nesta investigação foi a revisão da literatura. Utilizouse como aporte teórico o próprio autor da teoria e pesquisadores da abordagem Winnicottiana e um dos seus maiores estudiosos o professor Z. Loparic. As obras foram retiradas do acervo Loparic, disponibilizadas de forma online. Para a busca online de Artigos, Teses e Dissertações foi utilizado o buscador do Google Acadêmico, com os seguintes descritores: Psicanálise winnicottiana. Mãe-bebê. Família e escola.

Se entende que diferentes abordagens têm fundamentado teoricamente as pesquisas sobre a interação mãe-bebê, e essa relação tem sido interpretada sobre diferentes perspectivas teórico-conceituais. No entanto, a perspectiva adotada no presente trabalho será a do pediatra e psicanalista inglês Donald Woods Winnicott (1896-1971), o pesquisador criou uma teoria voltada para a relação entre o bebê e sua mãe. O autor parte do princípio de que todo indivíduo tem uma tendência inata para amadurecer, mas isso só é possível se a pessoa tiver um ambiente facilitador na primeira infância. O ambiente facilitador se refere às condições físicas e psicológicas que favorecem o desenvolvimento do bebê. O bebê não é determinado pelo ambiente, mas apenas um ambiente suficientemente bom será capaz de oferecer as condições necessárias para o desenvolvimento.

É importante ressaltar que os psicólogos e psicanalistas que vêm estudando a função materna, na maioria desses estudos, fazem referência a casos em que os bebês têm como cuidador primário, a mãe, seja biológica ou não. A mãe, na própria compreensão de Winnicott não é representada somente pela figura materna, podendo ser entendida pela pessoa que estabelece uma dedicação total ao bebê na ausência da mãe.

Mesmo entendendo que na atualidade coexistem diferentes tipos de arranjos familiares e que os bebês e as crianças podem ser criados sem a mãe biológica. E que cada vez mais cedo, os bebês iniciam a frequentar instituições de educação infantil, mesmo assim, no decorrer do trabalho, vamos manter a nomenclatura mãe para nos referir a pessoa que exerce a maternagem, mantendo dessa forma o alinhamento conceitual com o autor.

Este trabalho foi dividido em três capítulos e as considerações finais. O primeiro capítulo se estrutura a partir da construção da história de vida do psicanalista e pediatra Donald Woods Winnicott (1896-1971).

O segundo capítulo apresenta o conceito da mãe suficientemente boa, acunhado por Winnicott, que perpassa os demais conceitos que estruturam a Teoria winnicottiana.

O terceiro capítulo discorre sobre a relação do bebê em contextos educacionais enfatizando a relação da família e da escola.

Em seguida se apresenta as considerações finais.

## **CAPÍTULO 1 - UM OLHAR PARA A PSICANÁLISE WINNICOTTIANA**

Este capítulo se estrutura a partir da construção da história de vida do autor Donald Woods Winnicott (1896-1971), considerando suas posições diante da psicanálise clássica criada por Sigmund Freud (1856-1939), destaca-se a ousadia do autor em questionar autores clássicos Freudianos.

Será apresentado brevemente, como Winnicott caminhou do paradigma freudiano do complexo de Édipo para a relação da mãe com o bebê e a valorização do fator ambiental, sobretudo o inicial, na constituição do indivíduo humano, desde o seu nascimento.

### **1.1 UMA BREVE HISTÓRIA**

Donald Woods Winnicott (1896-1971), autor que norteará a perspectiva adotada nesta pesquisa foi um médico e psicanalista inglês. Winnicott afirmava não gostar de seitas, de discípulos e de imitadores. Mostrando-se transgressor em sua prática clínica e, ao mesmo tempo, rigoroso em suas concepções teóricas, Winnicott não hesitou em apoiar os rebeldes e os dissidentes, como o movimento antipsiquiatria e Melanie Klein (1882-1960) que fez forte crítica ao freudismo clássico. Deixou uma herança conceitual fundamental para a psicanálise, embora nunca tenha fundado escola ou corrente. A partir de 1923, orientou-se para a pediatria e para a psicanálise (LOPARIC, 1997).

Ainda de acordo com o Loparic (1997), Winnicott nasceu em 7 de abril de 1896, de uma família metodista em Plymouth, na Inglaterra, Winnicott teve sempre uma vida muito ocupada. Graduado em Medicina, especializando-se em Pediatria, e mais tarde, em Psicanálise, ele desenvolveu o interesse pela relação entre a mãe e o filho. O pesquisador participou de inúmeros programas de rádio, para falar com pais, mães, obstetras e enfermeiros sobre diversos assuntos, como conselhos, adoção, ciúmes, filho único e presença do pai na educação dos filhos.

## 1.2 DO PARADIGMA FREUDIANO DO COMPLEXO DE ÉDIPO PARA A RELAÇÃO DA MÃE COM O BEBÊ

Exercendo a função de pediatra, Donald Woods Winnicott desenvolveu sua psicanálise com base nas relações familiares entre a criança e o ambiente. Todo ser humano, de acordo com Winnicott, tem um potencial para o desenvolvimento, entretanto, para tornar esse potencial como algo real, o ambiente se faz necessário. Inicialmente, esse ambiente é a mãe – ou alguém que exerça a função materna – e apoiada especialmente pelo pai. De acordo com o Instituto Brasileiro Winnicottiano - IBPW (2009, s/p):

Winnicott foi um pediatra que subordinou toda a sua obra ao propósito de elaborar uma teoria dos processos maturacionais que explicasse as condições pelas quais um bebê, imaturo e altamente dependente dos cuidados ambientais no início da vida, torna-se, aos poucos, caso receba tais cuidados, uma pessoa integrada num eu, capaz de estabelecer relações com a realidade externa, de cuidar de si mesmo, de responsabilizar-se em grande parte pela própria vida, e de socializar-se; capaz, ainda, muitas vezes, de usufruir ou mesmo de dar uma contribuição ao acervo cultural da humanidade, sentindo que, a despeito de a vida conter problemas e sofrimentos, vale a pena vivê-la.

Desse modo, com a observação da relação inicial mãe-bebê e a teoria do desenvolvimento emocional, Winnicott revoluciona a psicanálise, modificando toda a sua estrutura interna. A psicanálise freudiana encontrou no mito edípico a formulação do problema básico sobre o qual se constituiu a teoria psicanalítica. Na situação triangular, Freud pôde observar a relação conflituosa na qual, em sua forma exemplar, o menino disputa com o pai seu desejo pela mãe. Nessa situação, encontra os elementos necessários para a compreensão das questões clínicas com as quais trabalhava: situação triangular, conflito, desejo e ameaça. Além disso, o mito edípico permitiu o desenvolvimento da teoria sexual, na qual o complexo de Édipo representa o ponto culminante da sexualidade infantil, exercendo influência decisiva sobre a sexualidade adulta (LOPARIC 1997).

Ele é o fenômeno principal da vida sexual, por isso elemento essencial da vida sexual. Toda a teoria da função sexual é concebida como preparação ou como decorrência da situação edípica. Em segundo lugar, a estrutura do sujeito é concebida em termos de antecedentes ou de derivações do complexo. Em terceiro lugar, o complexo de Édipo é o complexo nuclear das neuroses e, de modo geral, das doenças psíquicas. Em quarto lugar, o complexo de Édipo está na origem da ordem cultural, isto é, da religião, da moral, da socialidade, da historicidade, da arte, da ordem humana em geral (LOPARIC, 1997, p. 377).

Por exemplo, se na teoria tradicional o complexo de Édipo lançava luz à compreensão da formação do aparelho psíquico como atrelada a uma relação triangular, em Winnicott encontramos a constituição e o desenvolvimento desde uma relação dois-em-um (relação inicial mãe- bebê), passando por uma relação dual (relação mãe bebê posterior à aquisição de um eu integrado) e chegando à relação triangular (a partir da ocorrência do estágio edípico). Ou seja, onde havia a constituição do sujeito a partir da supremacia de um único evento (o complexo de Édipo), há o amadurecimento individual; onde havia uma relação triangular, há a experiência de outros modos de relação até alcançar a relação triangular; onde havia a predominância de questões intrapsíquicas, há uma relação com o ambiente que se inicia em uma relação dois-em-um mãe-bebê. Loparic sugere que Winnicott opera a mudança, caminhando do paradigma freudiano do complexo de Édipo para o paradigma do “bebê-no-colo-da-mãe” (LOPARIC, 2002, p. 44).

É o ambiente (mãe) que deve garantir as condições emocionais necessárias para o estabelecimento da relação mãe-bebê, no interior do qual a criança se desenvolverá. Para Winnicott a questão hereditária não é necessária para que surja a criança, se não estiverem presentes os cuidados maternos (MARIOTTO, 2009).

São considerados pontos essenciais da teoria winnicottiana (WINNICOTT, 1960, apud MARIOTTO, 2009, p. 64) :

- a) a relação mãe-bebê, que permite a este advir um self;
- b) um objeto real, ou seja, a mãe real, fundamental aliado dos processos maturativos do bebê, o que contribui para a personalização dos potenciais instintuais e psíquicos de seu filho até a individualidade;
- c) a primeira relação é criativa; a mãe cria o filho não apenas fisicamente em seu corpo, mas, também, nos seus primeiros movimentos psíquicos, nos quais o bebê encontra e reconhece seus dotes inatos e realiza experiência primária de sua existência como pessoa;
- d) assim como da parte do pequeno ser, ele cria o objeto que espera ser encontrado.

Podemos constatar que para o autor a essência da experiência do bebê está na dependência que ele possui dos cuidados da mãe. Nas palavras do autor:

Qualquer tentativa de descrever o complexo de Édipo em termos de duas pessoas está fadado ao fracasso. No entanto, os relacionamentos do tipo dois corpos realmente existem, e pertencem aos estágios relativamente mais primitivos da história do indivíduo. O relacionamento original do tipo dois corpos é o que acontece entre o bebê e a mãe ou o substituto da mãe, antes que qualquer propriedade de mãe tenha sido identificada e transformada na ideia de um pai (WINNICOTT, 1965, p. 29).

Para se chegar ao desenvolvimento completo, é necessário um ambiente agradável, desde então surgiu o conceito winnicottiano de good enough mother (mãe suficientemente boa). Não é uma mãe perfeita, porque essa não existe. Mas é a mãe que sabe a hora certa para favorecer a ilusão no bebê e, logo após, a desilusão.

## **CAPÍTULO 2 - O CONCEITO DE MÃE SUFICIENTEMENTE BOA NA TEORIA DO AMADURECIMENTO PESSOAL**

Neste capítulo será abordado os conceitos fundamentais sobre a teoria de Winnicott, percorre-se desde o início da relação mãe e o bebê até a inserção dele no ambiente externo.

### **2.1 A MÃE SUFICIENTEMENTE BOA**

Para entender essa teoria é preciso se familiarizar com um conceito muito utilizado por Winnicott, a mãe dedicada comum ou a mãe suficientemente boa. Esse conceito foi publicado numa coletânea de conferências e palestras radiofônicas realizadas pelo pesquisador. Esse conceito sugere que a mãe se volta naturalmente para as tarefas da maternidade, mantendo-se temporariamente alienada de outras funções, sociais e profissionais. Ser dedicada aqui, é ser suficientemente boa para suprir as necessidades do bebê ou de planejar para que se não puder cumprir essa tarefa, designará outra pessoa para que a execute. Logo, vemos que essa percepção winnicottiana é bem explícita e clara, o autor vai utilizar essas duas nomenclaturas para falar dessa mãe, a mãe suficientemente boa e a mãe dedicada comum que é importante que se compreenda que ele está se referindo ao mesmo conceito. Para o autor somente a mãe é capaz de desenvolver esse estado de “preocupação materna primária”, nesse sentido, ela é a pessoa mais adequada para cuidar do bebê nesse período (WINNICOT, 1966, p.4).

Winnicott (1966) ressalta sobre o início da construção da mãe suficientemente boa, partindo da importância e utilidade do período gestacional, pois é um espaço de tempo eficiente para que ocorra uma grande transformação na mulher. Ainda falando do início do relacionamento mãe e bebê, a natureza não permite que os filhos possam escolher quem serão seus pais. Simplesmente entram na vida da mãe, e ela possui um prazo fundamental para que possa se reabilitar e entender que dentro de alguns meses seu direcionamento irá mudar totalmente de lugar. Winnicott também apresenta que é recorrente que nas próximas semanas e meses após o nascimento do bebê, a tentativa da mãe para se recuperar disso, e nessa fase, na maior parte o bebê e ela



são um só. O que para o autor não há nada de sobrenatural nessa relação, pois a mãe já foi um bebê e possui as recordações de ter sido, de quem cuidou dela, entre outras lembranças, ressaltando que isso tanto pode colaborar ou dificultar na construção no relacionamento da mãe com seu filho.

Essa relação marcada como dual, a mãe será um objeto subjetivo, que fará uma ponte entre o ambiente externo e o bebê. Não é possível falarmos do bebê sem citar a mãe, pois estão ligados um ao outro. Como acontece seu envolvimento com a criança bem pequena marcará como será o desenvolvimento do amadurecimento pessoal do mesmo, além disso a mãe suficientemente boa, só será uma boa mãe quando ela se permite falhar com o bebê. Todas as pessoas se desenvolvem a partir do outro, uma combinação psicossomática que acontece pela preparação imaginativa das funcionalidades corporais, pelos instintos, sensações e sentimentos, sendo que para que essa preparação tenha um bom desempenho, necessitará dos cuidados feitos pela mãe (LOPARIC, 2001).

O desenvolvimento, em poucas palavras, é uma função da herança de um processo de maturação, e da acumulação de experiências de vida; mas esse desenvolvimento só pode ocorrer num ambiente propiciador. A importância deste ambiente propiciador é absoluta no início, e a seguir relativa; o processo de desenvolvimento pode ser descrito em termos de dependência absoluta, de dependência relativa e um caminhar rumo à independência. (WINNICOTT, 2011, p. 19)

Winnicott (1966), sugere que não é tão fácil explicar o motivo da adaptação entre a mãe e o bebê, pois essa mãe consegue responder as primeiras carências do seu filho de uma forma muito intensa. Também, afirma que é facilmente perceptível que as crianças precisam de um meio ambiente sólido, sendo ele criado por uma mãe que possua estrutura mental e apoio familiar para que esse bebê possa ter a possibilidade de solucionar seus enfrentamentos de amor e ódio. Então as primeiras e importantes semanas do recém-nascido, serão os períodos iniciais do desenvolvimento do amadurecimento pessoal e ganham a chance de se transformar em experiências para o bebê.

A primeira infância é o período que se criam os alicerces da saúde psíquica do bebê, para isso dependerá que sua mãe tenha a competência de satisfazer suas necessidades, e isso só acontece quando essa mãe, tem uma relação de reconhecimento com o seu bebê, essa atitude provém direto da conduta de devoção.

Assim sendo, o bebê passa do estado de dependência absoluta que acontece no começo, para um progresso bem profundo do desenvolvimento individual (WINNICOTT, 1965<sup>1</sup>).

Para esse autor a relação da mãe e de seu bebê deve ser tão próxima e tão profunda a ponto de a mãe adoecer com e por seu bebê, uma relação de reciprocidade. Assinala, no entanto, que essa mãe não pode ser benevolente, pois o bebê confia na firme atenção dela para sua sobrevivência. E desta experiência surge a esperança da dependência possibilitadora da independência.

Pode-se constatar que quando o autor fala da mãe suficientemente boa ele não está dando um manual de como as mães devam se comportar, mas simplesmente descrevendo o que ele pode observar na sua atuação como médico pediatra ou na clínica psicanalista. O próprio autor, em uma de suas palestras, afirma que não pode falar sobre como as mães devam se comportar com seus filhos, porque ele não é e nunca será mãe. Sua crença no desenvolvimento natural se tornou uma crítica velada aos métodos excessivamente interpretativos da Psicanálise. Winnicott, de certa forma procurou proteger as mães de uma puericultura que poderia limitá-las, com receitas e modelos, ou de uma psicanálise excessivamente interpretativa que poderia culpá-las (PHILLIPS, 2006).

## 2.2 DA DEPENDÊNCIA À INDEPENDÊNCIA

De acordo com a teoria winnicottiana o bebê não é um ser individual, ele só pode continuar sobrevivendo através do outro, esse aspecto é tão natural que suas condições são até imperceptíveis.

A relação de dependência não é uma relação à três. Ela não é nem mesmo uma relação a dois, já que o bebê como tal não existe. Ela é antes um *doisemum, sui generis*, anterior à oposição entre o eu e o não-eu, entre o dentro e o fora, entre o meu e o não-meu, entre o antes e o depois cronológicos (LOPARIC, s/p, 1975).

---

<sup>1</sup> Os textos de Winnicott são indicados de acordo com a bibliografia completa das suas obras, publicada no livro *Os Bebês e suas Mães*, 4° ed, 2012. "The Contribution of Psychoanalysis to Midwifery". Conferência apresentada em um curso organizado pela *Association of Supervisors of Midwives*, em março de 1957. Publicada inicialmente em *The Family and Individual Development*, Londres, Tavistok Publications Ltd., 1965.

A dependência é um marco do desenvolvimento infantil, onde através do tempo vai se transformando aos poucos em independência. Por permanecerem em constante sujeição, a criança bem pequena é atingida por todos os acontecimentos ao seu redor, não possuindo a maturação que possuímos (WINNICOTT, 1970<sup>2</sup>).

Além das necessidades físicas que o bebê tem no primeiro momento, ele precisará que supram outro tipo de necessidade que é bastante imperceptível, segundo Winnicott, só a relação humana pode suprir.

Talvez o bebê precise deixar-se envolver pelo ritmo respiratório da mãe, ou mesmo ouvir e sentir os batimentos cardíacos de um adulto. Talvez seja-lhe necessário sentir o cheiro da mãe ou do pai, ou talvez ele precise ouvir sons que lhe transmitam a vivacidade e a vida que há no meio ambiente, ou cores e movimento, de tal forma que o bebê não seja deixado a sós com os seus próprios recursos, quando ainda muito jovem e imaturo para assumir plena responsabilidade pela vida (WINNICOTT, 1970, p.76).

Segundo Winnicott (1970), para que o bebê passe da total dependência para a independência ele precisa sentir-se confiante e amado, nesse sentido, essa confiança o levará a novas conquistas autônomas, não por ser negado, mas por ser bem assistido.

No primeiríssimo estágio não há vestígios de uma consciência da dependência, e por isto está é absoluta. Gradualmente, a dependência torna-se em certa medida conhecida pela criança, que, por consequência, adquire a capacidade de fazer saber ao ambiente quando necessita de atenção. Do ponto de vista clínico, constata-se um progresso muito gradual em direção à independência, sempre marcado por recorrências da dependência e até da dupla dependência (WINNICOTT, 2011, p. 5).

Para Winnicott (1970), no estágio inicial de dependência absoluta o bebê vai precisar que sua mãe esteja, em um estado de devoção, para que consiga atender

---

<sup>2</sup> Os textos de Winnicott são indicados de acordo com a bibliografia completa das suas obras, publicada no livro *Os Bebês e suas Mães*, 4° ed, 2012. "Dependence in Child Care". Publicado inicialmente em *Your Child*, vol. 2, 1970.

todas as suas necessidades. Um recém-nascido que não tem suas necessidades supridas, se sentirá, segundo o autor, como se estivesse sendo despedaçado aos poucos. No entanto, na maioria dos casos, os bebês são suficientemente bem assistidos pela mãe, porque ela entende o estado de dependência e consegue se adaptar a estas demandas. Em caso de não ser acolhido em suas necessidades, o bebê poderia construir uma barreira contra o próprio meio, para se proteger e se distanciar. Entretanto, o pesquisador considera que a maior parte dos bebês, pelo fato de serem desejados e amados pelas mães, pais e demais membros da família “tem a oportunidade de se tornar um indivíduo” (WINNICOTT, 1970, p.76).

A dependência absoluta, aos poucos vai se tornando relativa onde a mãe não está mais totalmente devotada ao filho, nessa fase ela vai retornando a se empenhar em outras atividades. Então começa a existir falhas da mãe suficientemente boa em relação a prontidão para os cuidados maternos, despertando no bebê uma condição que ele biologicamente foi preparado para vivenciar. Sendo assim, o lactante experimenta inicialmente a espera em ser atendido, sem ter maiores danos para sua construção da relação maturacional. Claro que esse processo, quando bem feito, vai da dependência absoluta para a relativa, depois volta atrás, para que haja uma adaptação de ambos na busca por independência. Segundo Winnicott, é essencial a presença do outro para que se sinta inicialmente independente do meio (ROCHA, 2006).

Fundamental a tudo isso é a ideia de dependência individual, sendo a dependência o princípio quase absoluto, e alterando-se gradativamente, e de maneira ordenada, para a dependência relativa e no sentido da independência. A independência não se torna absoluta e o indivíduo visto como unidade autônoma nunca, de fato, é independente do meio ambiente, embora existam maneiras pelas quais, na maturidade, ele possa sentir-se livre e independente, tanto quanto contribua para a felicidade e para o sentimento de estar de posse de uma identidade pessoal (WINNICOTT, 1975, p. 220).

Mesmo que o bebê avance para a independência, quando tem uma mãe suficientemente boa, ele volta para o estado dependente quando necessita, até atingir o estado de autonomia. Sendo que, mesmo se tratando de pessoas adultas, a total independência do meio não existe, segundo o autor.

## 2.3 TENDÊNCIA À INTEGRAÇÃO

O processo de integração do bebê começa desde a vida uterina e continua se desenvolvendo após o nascimento. Esse acontecimento tem uma disposição para que aconteça, mas é a partir do meio ambiente externo que vai se tornando possível, as vivências do recém-nascido se tornam particulares dele. Sendo assim, ele vai se definindo como um ser unitário, necessitando ser apoiado pela presença da mãe para que esse amadurecimento aconteça (ROCHA, 2006). Na etapa inicial de desenvolvimento a questão primordial é a presença de uma mãe-ambiente confiável que se adapte às necessidades do recém-nascido de maneira perfeita.

A integração se demonstra aos poucos através do estágio primário não integrado. Para Winnicott (2011), o bebê se sente inseguro pelas falhas ambientais. Sendo assim, a sensação de segurança pode ser reestabelecida por meio da mãe, por meio dos contatos físicos ou simplesmente pela presença.

Como vimos o processo maturacional, mesmo que biologicamente determinado para que aconteça, a mãe suficientemente boa, que é o primeiro ambiente da criança, facilita esse acontecimento. Chega um período em que a criança, graças às experiências vivenciadas com a mãe, consegue reunir os núcleos do seu Ego, adquirindo a noção de que ela é diferente do mundo que a rodeia. Em um trecho de uma carta dirigida ao *London Times*<sup>3</sup>:

Chega um momento em que, se a criança pudesse falar, diria EU SOU. Uma vez atingido este estágio, novos progressos precisam ser feitos para a sólida instituição do estágio em que, inicialmente alterna contatos renovados com o estágio mais primitivo no qual tudo está fundido, ou a partir do qual os diferentes elementos não foram adequadamente separados entre si. Há, aqui, um momento muito definido na vida de toda criança, embora possa ser difuso em termos de limite de tempo, no qual ela se deu conta de sua existência e tem algum tipo de identidade estabelecida, não na mente dos observadores, mas em sua própria mente (WINNICOTT, 1966<sup>4</sup>, p.47-48).

---

<sup>3</sup> *London Times* é formado de diários oficiais registrados, essa carta escrita por D. Winnicott foi enviada aos cuidados do Dr. Fisher, que na época era Arcebispo de Canterbury. (THE GAZETTE, 1665) <sup>4</sup> Os textos de Winnicott são indicados de acordo com a bibliografia completa das suas obras, publicada no livro *Os Bebês e suas Mães*, 4ª ed, 2012. "The Beginning of the Individual". Escrito em 1966, em resposta a uma carta ao *London Times* pelo Dr. Fisher, na época Arcebispo de Canterbury. Inédito.

Segundo o Winnicott, para que o ser humano exista ele necessita passar pelo processo de integração. Essa tendência se estende em sequência transitória de tarefas. Quando as pessoas amadurecem passam por fases, estágios, etapas e cada nova etapa é definida outras incumbências, cada vez mais exigentes, sendo que esses novos estágios serão enfrentados com sucesso se tiver êxito na fase anterior. A tarefa mais trabalhosa considerada por Winnicott seria a da primeira tarefa que é desenvolver a relação unitária com a mãe (LOPARIC,1999).

## 2.4 A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE

O primeiro ambiente em que o bebê se relaciona é com a sua mãe, então ele começa fazer associações sobre como esse ambiente responde as suas necessidades, para que ele possa saber se pode ou não confiar. Realizando essa comunicação silenciosa, a mãe quando supre a essas carências diz a ele que pode confiar nela, logo poderá também confiar no ambiente externo (WINNICOTT, 1968<sup>4</sup>).

O ambiente segundo Winnicott (2011) é o local em que o bebê consegue seu auxílio para estabelecer seu próprio self, ou seja, onde ele pode se sentir uma pessoa com capacidades psíquicas para se relacionar consigo mesmo e com o meio social. O autor sugere em seu livro - *A Família e o Desenvolvimento Individual* -, que para que a criança bem pequena possa estabelecer um equilíbrio para se relacionar com o mundo e consigo mesma, é fundamental que o ambiente seja facilitador. Ambiente este, que deve ser composto de afeto e segurança, pois a partir dessas bases o bebê consegue adquirir confiança em si mesmo e no mundo externo.

Na visão da teoria do amadurecimento pessoal, o bebê só tem um desenvolvimento sadio quando o meio ambiente é sadio. A mãe como primeiro

---

<sup>4</sup> Os textos de Winnicott são indicados de acordo com a bibliografia completa das suas obras, publicada no livro *Os Bebês e suas Mães*, 4° ed, 2012. "Environmental Health in Infancy". Neste capítulo os organizadores fizeram uma combinação de duas versões de uma conferência apresentada em um simpósio com o mesmo título, realizado na Royal Society of Medicine, em Londres, março de 1997. Partes desta conferência foram publicadas em *Maternal and Child Care*, janeiro de 1968.

ambiente não precisa exercer uma função mecânica, mas sim humana de qualidade, a ponto de criar um vínculo de identificação com seu filho. Sendo essa condição facilitada, pois o bebê estará no estágio de dependência absoluta com ela e será indispensável que haja uma boa relação com o ambiente (ROCHA, 2006).

Em nossa teoria do cuidado infantil, a continuidade do cuidado tornou-se característica central do conceito de meio ambiente facilitante e observamos que, através dessa continuidade da provisão ambiental, e somente através dela, o novo bebê em dependência pode ter continuidade na linha de sua vida (MILNER, 1934, apud, WINNICOTT, 1975, p.224).

Vemos aqui que a mãe-ambiente tem um papel fundamental para garantir um desenvolvimento saudável. O relacionamento que é dual entre mãe-bebê quando suficientemente bom, vai se transformando em uma relação triangular mãe-bebê ambiente, transportando para esse acontecimento a segurança.

## 2.5 PREOCUPAÇÃO MATERNA PRIMÁRIA

Preocupação materna primária (PMP) é um conceito winnicottiano e se refere ao estado psicológico da mãe no qual sua sensibilidade em relação ao filho torna-se exacerbada. Tem início na gestação e estende-se às primeiras semanas após o parto.

Pode ser muito útil postular que o meio ambiente satisfatório começa com um alto grau de adaptação às necessidades individuais da criança. Geralmente a mãe é capaz de provê-lo, por causa do estado especial em que ela se encontra, o qual denominei "preocupação materna primária". Apesar de existirem outros nomes para esse estado, estou descrevendo-o em meus próprios termos (WINNICOTT, 1996, p. 18).

A mãe quando está grávida começa a imaginar como será seu bebê e inicia um tipo de preocupação com o bem-estar dele. Esse estado, quando se manifesta, cria condições para que ela cuide de seu bebê.

Segundo Winnicott (2011), existem dois desequilíbrios que podem ocorrer interferindo na relação da mãe e do bebê. O primeiro, seria quando a mãe não

consegue abdicar dos seus próprios interesses para se aprofundar nos interesses do bebê de forma totalitária. Outro problema materno seria a de intensificar esse interesse em se colocar no lugar do bebê, não voltando ao seu estado normal. Uma espécie de fusão. Mas em geral, o que acontece é uma união saudável entre mãe com seu filho.

Dias (2003) chamou a preocupação materna primária de bondade suficiente, da qual fazem parte a espontaneidade e a pessoalidade da mãe no seu cuidado com o bebê, além da capacidade da mãe em acreditar que seu bebê está em um processo de amadurecimento e que seu papel é facilitar tal processo. De acordo com a autora, o que o bebê precisa é da preocupação e dos cuidados de uma mãe real, que continua sendo ela mesma, falível porque é humana, mas, acima de tudo, confiável.

Segundo a teoria winnicottiana essa condição não pode e nem deve ser ensinada, a mãe será capaz de exercer este papel porque “tem um tipo de identificação extremamente sofisticada com o bebê, na qual ela se sente muito identificada com ele, embora, naturalmente, permaneça adulta” (WINNICOTT, 1966, p.9). Por ser emocionalmente e biologicamente madura, mesmo que esteja em um momento especial, consegue decidir o que é melhor para o bebê.

Winnicott (1966) afirma que quando o bebê nasce ainda não é capaz de ser uma pessoa sozinha, mas só consegue construir essa base para começar o amadurecimento pessoal, com ajuda do estado devocional de sua mãe.

Winnicott vai até dizer que o bebê não existe como uma entidade separada, que ele só existe na relação com a mãe e, sendo assim, sua primeira tarefa constituir um chão próprio sobre o qual poderá se assentar e existir como alguém criativo e espontâneo. Esse chão, o bebê não pode criar sozinho, ele só pode tomá-lo emprestado dos cuidados da mãe. Isso acontece por meio da “identificação materna” do bebê com sua mãe, mais precisamente com a mãe-ambiente que sustenta o seu acontecer (LOPARIC, 1999, p.22).

Após passar por muitos e repetitivos cuidados feitos pela mãe, o bebê começa a se sentir de verdade e começa ter a habilidade de sentir sentimentos, que segundo Winnicott (1966), são correspondentes aos sentimentos da mãe que tem identificação com seu bebê, que está envolvida com os cuidados que exerce.



## 2.6 PRIMEIRA MAMADA TEÓRICA

De acordo com a teoria winnicottiana, após o nascimento, nessa relação dual, o bebê e a mãe necessitam de um período de adaptação, ainda mais o bebê, pois ele está experimentando tudo pela primeira vez e precisa se acostumar com o mundo exterior. Para que esse caminho possa ser percorrido, e o mundo compartilhado possa ser percebido, a composição dois-em-um deve persistir por meio de uma série de cuidados específicos que a mãe suficientemente boa desempenha ao longo do tempo, por estar totalmente adaptada ao bebê.

Quando o bebê procura sua mãe para ser amamentado, ela consegue sentir a necessidade que existe por trás do pedido, muitas vezes, o que ele precisa é mais que alimentar o corpo físico. A mãe percebe que o seu filho busca alguma coisa a mais, pois está em seu estado materno-primário, e sem invadir o espaço do bebê, propicia momentos para a primeira mamada teórica (ROCHA, 2006).

A primeira mamada teórica é o conjunto das primeiras mamadas relacionadas ao momento inaugural de amamentação e não pode ser confundida com a primeira mamada concreta e pontual. Esse momento inaugural de amamentação é extremamente importante para o processo de amadurecimento do indivíduo, já que estabelece desde o princípio qual será o padrão de relação entre o bebê e sua mãe, determinante, portanto, para a relação futura com a realidade externa, já que sua mãe é a primeira representante do que futuramente será denominado de não-eu. (LOPARIC, 1999).

## 2.7 AS TRÊS TAREFAS FUNDAMENTAIS

De acordo com Rocha (2006) o desenvolvimento dentro dos padrões de normalidade, para Winnicott, seria composto de três tarefas fundamentais. A primeira tarefa seria o começo do processo de integração no tempo e espaço; a segunda será de se estabelecer em seu próprio corpo; e a terceira seria a de se relacionar com objetos (ROCHA, 2006).

Essas três tarefas dependem uma da outra para serem cumpridas e precisam do manuseio da mãe para que tudo ocorra de maneira saudável. Ou seja, para que estas tarefas sejam resolvidas com sucesso são necessários cuidados maternos específicos. A integração no espaço é no tempo corresponde ao segurar ao sustentar

(holding); o alojamento da psique no corpo é facilitado pelo manejo (handling), que é um aspecto mais específico de segurar, relativo aos cuidados físicos; o contato com objetos é propiciado pela apresentação de objetos (object-presenting) (ROCHA, 2006).

Para Dias (2003), a teoria winnicottiana, está relacionada aos cuidados físicos maternos para com o bebê, sendo marcado por como é feito o manusear e o segurar. É fundamental nessa teoria, que todo o cuidado esteja voltado para estabelecer o bem-estar da criança pequena. Dentro do ambiente facilitador criado pela mãe, o segurar se estende para o sustentar a situação do tempo (holding a situation), que seria uma ocasião permanente de serenidade, que se distende de forma demorada no tempo e não precisa que nesse momento nada aconteça. Essa condição vai deixar com que só os movimentos do bebê estejam presentes indo e vindo. Como Dias (2003, p. 207) propõe:

Quando este está desperto, lá está a mãe oferecendo as amostras do mundo segundo a necessidade que ele manifesta e ela compreende: uma mamada, um manuseio, um banho, uma cantiga, ou, simplesmente, ficarem juntos se olhando. Quem cuida da regularidade e da vivacidade do lugar, e segura a situação no tempo, é a mãe suficientemente boa [...].

Com as ocorrências desses cuidados maternos rotineiros, que para Winnicott não necessitam acontecer rigidamente, mas sim continuamente, o bebê começa perceber o que vai acontecer no seu cotidiano, adquirindo então segurança e prontidão para avançar (ROCHA, 2006).

## 2.8 AS RELAÇÕES OBJETAIS E O OBJETO TRANSICIONAL.

O bebê inicialmente não sabe que existe um mundo exterior, ele se sente a partir da mãe-ambiente o próprio mundo, e aos poucos vai conhecendo o mundo externo. Primeiro objeto apresentado para ele seria o seio da mãe, ou a mamadeira, a partir dessa experiência começa a se sentir real no mundo e isso tudo acontece com o processo de integração. Segundo Dias (2003), na teoria do amadurecimento pessoal, o bebê no estado primitivo não consegue se relacionar com os objetos, nem consegue entender o estado de externalidade, não possuindo maturação para se separar dos objetos, dessa forma dependerá das fases anteriores (holding e handling) para que comece a buscar essa capacidade. Quando ele alcança o estado do uso do objeto,

inicia a percepção da realidade que seria a própria externalidade, ainda terá que atingir outro objetivo que seria de se desanexar do ambiente total.

No início da vida humana, os objetos reais não estão lá para serem representados e amados ou odiados, isto é, acessados por relações cognitivas e apetitivas. Essas relações pressupõem, diz Winnicott, mecanismos mentais de que um lactante não dispõe. Tais mecanismos precisam primeiro ser amadurecidos e, para tanto, o lactante deve desenvolver, anteriormente, uma outra capacidade: a relação de uso com o objeto, isto é, a capacidade de brincar. Antes disso, o bebê precisa ainda viver a experiência de ser idêntico ao objeto (LOPARIC, 1995, p. 56-57).

Nesse sentido Winnicott compreende que o seio da mãe, ou a mamadeira, é o objeto que o bebê faz seu primeiro reconhecimento, partindo disso ele também é apresentado para a teoria da relação do brincar como uma forma de entender o mundo exterior. Essa compreensão, segundo Rocha (2006), vai estar ligada ao estado de ilusão criado pela mãe, que faz com que o lactante acredite que os objetos são criados por ele. De maneira sutil, pelos cuidados maternos, ele entende que os objetos são partes de si mesmo. Gradativamente, a mãe suficientemente boa propicia ao bebê uma desilusão, onde aos poucos ele vai entendendo que existe um mundo externo, possibilitando que a criança caminhe rumo a independência.

Quando começam a ocorrer, por volta dos oito ou dez meses, o processo de desilusão já se iniciou. São eles que dão continuidade à ilusão, com modificações graduais na onipotência. Caracterizam-se pelo apego ao objeto transicional e constituem o início da capacidade de simbolização; desenvolvem-se, depois, na capacidade de brincar e se estendem, à medida que o amadurecimento prossegue, por todo o espaço cultural. Os objetos transicionais, e depois o brincar, são os precursores da capacidade do adulto de usar o campo da cultura, da religião, da arte, para o necessário e salutar descanso da eterna tarefa de separar os fatos da fantasia (DIAS, 2003, p. 234).

Em seu livro - O Brincar e a Realidade (1975) -, Winnicott usa a teoria kleiniana sobre o objeto interno. Segundo Klein<sup>5</sup> (KLEIN, 1934 apud WINNICOTT, 1975, p.23), o objeto interno para ser bem estabelecido dependerá do objeto externo, que primeiramente seria a mãe suficientemente boa, esperando que ela propicie um ambiente saudável. Partindo dessas realizações, quando o objeto interno é vivo o

---

<sup>5</sup> Winnicott estudou sobre as teorias de Melanie Klein visto que ela era uma grande personalidade dentro da psicanálise e dirigia seu trabalho para as crianças. Mesmo que inicialmente concordasse com as teorias kleiniana, ele passou a enxergar divergências entre suas concepções com as de Klein (LOPARIC, 1997).

bebê pode usar o objeto transicional, mas caso o objeto externo falhe com ele, o seu objeto interno não terá vida, invalidando assim o uso do objeto de transição. Esse objeto transicional, está representado pelo seio materno, pois ele é tanto um objeto externo, por ser parte da mãe, e interno, pois faz parte do bebê em sua fantasia.

Da vigília ao sono, a criança transporta-se de um mundo percebido para um mundo de sua própria criação. Entre os dois mundos existe a necessidade de vários tipos de fenômenos transicionais — território neutro. Eu descreveria esse precioso objeto do seguinte modo: há uma convenção tácita de que ninguém afirmará ser esse objeto uma parte do mundo, ou de que foi criado pela criança. Entende-se que ambas as coisas sejam verdadeiras: a criança o criou, e o mundo o propiciou (WINNICOTT, 2011, p.124).

O autor enfatiza que o objeto de transição é o lugar de neutralidade entre o objeto interno e externo, sendo ele não tem um criador só, e que possui uma grande importância. Winnicott (1975) vai dizer que o objeto transicional não terá essa função atribuída naturalmente, essa qualidade será destinada para o objeto que tem relação com a mãe do bebê e ao mesmo tempo não está ligado a ela. Ele enfatiza que para que a criança pequena possa se sentir existente dentro do mundo exterior, precisará experimentar esse sentimento através do objeto de transição.

O objeto transicional segundo Winnicott (1953) através do espaço potencial, propicia ao bebê um simbolismo de afetividade, representando a mãe (ou o seio), quando ela não está presente, ou quando não pode suprir suas necessidades afetivas ou mesmo físicas. O autor vai dizer que não existe um objeto pronto para ser de transição, o que geralmente acontece segundo ele, seria uma tendência de escolher objetos que são macios e de fácil acesso, que estão presentes em sua rotina, como uma toalhinha, cobertor ou até mesmo o dedo. A importância de poder utilizar esse objeto, é poder fazer sua primeira descoberta com o mundo exterior e caminhar para sua dependência física e emocional.

## **CAPÍTULO 3 – A FAMÍLIA A CRECHE E O PROFESSOR**

Neste capítulo será abordado o acolhimento do bebê em instituições educacionais e a relação da família, creche e o professor.

### **3.1 O ACOLHIMENTO FORA DE CASA**

A partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1996, a Educação Infantil passa a ser definida como a primeira etapa da Educação Básica. A Constituição Federal de 1988 reconheceu, pela primeira vez, a Educação Infantil como um direito da criança, opção da família e dever do Estado (BRASIL, 1988). A Educação Infantil deverá ser ofertada em creches para crianças até três anos e pré-escolas para crianças de quatro e cinco anos.

Com a mudança legal a criança desde o nascimento passa a ter direito a frequentar um espaço coletivo de educação, os pais podem optar em matricular seus bebês ou não. No Brasil os bebês têm frequentado a creche desde seus primeiros meses de vida, um dos possíveis motivos é o fato das mulheres estarem cada vez mais presentes no mercado de trabalho (MARRIOTO, 2003).

De acordo com os dados do Censo Escolar 2019, realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), as matrículas nas creches tiveram um aumento muito expressivo. Segundo o Censo Escolar 167,8 mil registros a mais em 2019 do que em 2018, um aumento de 4,7%. Segundo o órgão as matrículas vem crescendo ano a ano (BRASIL, 2019).

Para Rapoport e Piccinini (2001, p. 82) “a entrada de bebês na creche, especialmente durante o primeiro ano de vida é um tema que tem gerado controvérsias no meio científico e leigo, pois implica em separações diárias do bebê de sua mãe, enquanto ele ainda é muito pequeno”. Esses bebês chegam a permanecer 12 horas diárias, 5 dias por semana aos cuidados da creche, demandando do adulto cuidador uma referência fundamental para o vir a ser desses sujeitos (MARIOTTO; BERNARDINO, 2009).

Muitas famílias, ainda hoje, sentem-se culpadas quando deixam seus bebês em Instituições Educacionais. Mesmo que entendam a creche como um contexto possível para o desenvolvimento, deixar o bebê na creche não é fácil para os pais, especialmente para as mães que passaram os últimos meses dedicadas, quase em

exclusivo, ao seu bebê. Muitas mulheres sentem culpa e angústia por se separarem do seu filho.

Mesmo entendendo que a função materna, não é exclusividade da mãe e que outras pessoas podem ocupar este lugar, por motivos de arranjos familiares, de decisão pessoal da mãe, por questões sociais, econômicas ou cultural. A função simbólica, independente de quem a exerça, deve existir.

Função materna não é o papel exercido unicamente pela mãe, mas uma função simbólica exercida pelo adulto que dela se ocupa, que com ela fala, para ela olha e dá significados às suas ações e reações, nomeando-as. O bebê precisa dessa voz, desse olhar, desse corpo que o segura e acolhe, sendo, cada uma dessas ações, elementos estruturantes em um complexo processo (MARRIOTO, 2009, p.137).

Para Ortiz e Carvalho (2013, p. 36) “Quando lançamos um olhar sobre o bebê de poucos meses que frequenta a creche, existe a possibilidade de localizar o educador como uma das faces do outro primordial, exercendo a Função Materna”. Dentro da teoria winnicottiana a essência da experiência do bebê está, na dependência dos cuidados maternos que fornece um ambiente que o sustenta (holding). Quando os bebês começam a frequentar a Educação Infantil, “a família deixa de ser lugar exclusivo para a montagem da vida psíquica e para o estabelecimento dos laços sociais” (MARIOTTO, 2009, p. 95). Para a autora os professores tornam-se participantes no processo de subjetivação dos bebês e das crianças pequenas.

Embora a profissão de professora na creche não é, “como muitos acreditam, apenas a continuidade dos fazeres maternos, mas uma construção de profissionalização que existe bem mais que competência teórica, metodológica é relacional” (BARBOSA, 2010, p. 06). Mariotto (2009) propõe que mesmo que entre o professor e o bebê se estabeleça um laço consistente, o professor não pode ocupar o lugar da mãe.

Ao acolher uma criança, o educador exerce essa função atravessada pelo seu desejo em relação ao trabalho que escolheu. Mesmo que as gratificações afetivas imaginárias estejam presentes no desempenho de ofício, o caráter profissional enquanto meio de subsistência se destaca. Se a parentalidade se caracteriza por uma espécie de gratuidade, já que a contrapartida não se calcula financeiramente, o salário do educador opera como baliza e limite na sua função. Reforçando o caráter terceiro deste ofício (MARIOTTO, 2009, p. 136).

Dentro desta perspectiva teórica, pode definir a creche, no papel do professor, como um terceiro na relação mãe-bebê fazendo um corte na díade (mãe- bebê) e ao mesmo tempo exercendo a função materna de cuidados.

Quando nos referimos a função materna, não se está defendendo uma perspectiva higienista ou assistencialista. Ou que o professor deva ser um substituto da mãe. De acordo com as Diretrizes Curriculares para a Educação a concepção que vincula educar e cuidar, entende o cuidado como algo indissociável do processo educativo.

Assim, a creche passa a atuar não apenas nas frentes pedagógica, social, de saúde e psicológica, mas também na subjetiva. Atuação que se faz representar pelo atendente, que, no interior desta concepção, (re)assume seu lugar de educador na medida em que se posiciona enquanto agente do ato educativo a partir de seu desejo (MARRIOTO, 2003, p.40).

Este lugar ocupado pelo profissional, não é o da mãe, tampouco é o lugar do professor nos moldes do Ensino Fundamental, por meio dessa ideia busca-se um novo olhar para os bebês e para o professor. Para Fochi (2013) esta profissão está sendo inventada, inclusive para marcar este lugar como sendo do professor, que não é a tia, não é a cuidadora, não é a babá e não é o professor do ensino fundamental. É bem diferente. Desde a perspectiva winnicottiana se defende um professor que acolha a criança também na sua subjetividade.

O tornar-se humano é marcado pela imersão permanente do homem em um mundo simbólico e em um processo social contínuo é compulsivo de dar e criar sentidos. Nas interações com os outros e com o mundo, em um determinado momento e contexto sócio-histórico, um homem/a mulher constrói seus significados, suas relações e a si próprio(a) enquanto sujeito. Suas relações e seu acesso ao mundo, são, pois, interceptores pelo outro da linguagem imersos que estão em sua malha de significa significações. É a partir dessa malha que os outros interpretam a criança desde antes do nascimento, lhe atribuem determinados papéis, têm para com ele/a determinadas expectativas, constroem para ele/a determinados contextos de contextos de desenvolvimento. Dessa maneira a constitui para o mundo assim como constitui o mundo para ela (ROSSETTI-FERREIRA, 1999, apud, ORTIZ; CARVALHO, 2012, p. 30-31).

Esse processo é complexo, são muito aspectos que se articulam para que o bebê possa se desenvolver de maneira adequada, no entanto, é inegável que para se tornar-se humano ele precisa do Outro. No próximo subponto se abordará como acolher o bebê na Instituição de Educação Infantil.

### 3.2 A INSERÇÃO DO BEBÊ

O processo de inserção, muitas vezes chamado de adaptação, requer atenção e planejamento por parte dos profissionais da educação infantil. Para Vitória e Rossetti (1993) a adaptação, teria início nos contatos iniciais dos pais com a creche, pois as primeiras impressões influenciam a forma como estes vão se relacionar com o novo ambiente.

Quando somos acolhidos, bem recebidos, em qualquer lugar, em geral nossa reação é de simpatia e abertura, esperando o melhor daquele ambiente daquelas pessoas. Quando ao contrário somos recebidos friamente, nossa tendência é também ignorar, não se envolver, passar despercebidos. E o que acontece quando somos mal recebidos? A gente jura não voltar mais àquele lugar! Por que com a criança e sua família deveria ser diferente? (ORTIZ, 1999, p.4).

Nesse sentido, planejar ações para construir uma boa relação com as famílias pode ser o primeiro passo para uma boa inserção do bebê e do início de uma relação de um trabalho complementar entre a escola e a família. Para Souza (2014), não existem fórmulas prontas para organizar o momento da chegada dos bebês. Nesse período o educador deveria agir de maneira humanizada, entendendo as preocupações e ansiedades maternas. Uma estratégia importante, seria tentar compreender se existem laços bem estabelecidos entre a mãe-bebê e observar como o bebê e a família estão lidando com a separação, pois a partir dessa verificação se pode definir um plano de trabalho ou possíveis intervenções.

Para Ortiz e Carvalho (2013) existem muitas estratégias que podem ser utilizadas no período do acolhimento, respeitando a história, os diferentes contextos sociais e econômicos, a caminhada de cada Instituição e da equipe profissional. A seguir serão descritas, a partir de Ortiz e Carvalho (2013, p.55), algumas destas estratégias que podem facilitar a relação entre a família e a escola:

- a) atendimento individualizado aos pais para conhecimento da criança de sua história, assim como esclarecimento de dúvidas e trocas de experiências;
- b) reuniões coletivas de paz com a apresentação de fotos ou vídeos sobre a proposta educacional da creche;



- c) distribuição de textos ou pequenos folders que destaque aspectos fundamentais deste momento;
- d) permitir a presença de um familiar durante a adaptação, no início na própria sala depois na sala de espera da creche;
- e) permitir que o familiar participe das primeiras refeições na creche;
- f) oferecer oficinas e atividades que iniciem com a interação entre pais e bebês e professores;
- g) roda de conversas com as famílias;
- h) cantos com fotografias das famílias de objetos conhecidos das crianças, entre outros.

Para Winnicott (2012), o espaço que vai acolher o bebê necessita ser voltando para atender as necessidades do bebê.

A criança normal, que tem um lar normal, tem objetivos, e vai à escola querendo de fato aprender alguma coisa, que trava contato com seu próprio ambiente e chega até a ajudar a conservá-lo ou modificá-lo, e a criança desajustada, por contraste, tem necessidade de um ambiente cuja tônica seja o cuidado, e não o ensino; este assunto secundário que pode assumir às vezes caráter especializado, tendo mais a natureza de um remédio de que de instrução escolar. Para a criança desajustada, em outras palavras, a “escola” tem o significado de abrigo ou albergue (WINNICOTT, 1966, p. 213).

Considerando a data da publicação do autor, a nomenclatura utilizada não está alinhada a legislação atual, mas destaca-se, o cuidado com a singularidade da criança pequena descrita pelo autor. Cada bebê tem necessidades específicas que precisam ser atendidas de maneira diferente. Um bebê que vem de um contexto de cuidado e de afeto, chega ao contexto educacional com muitas necessidades satisfeitas, no entanto, para outros, este contexto tem um significado muito maior.

O bebê constitui-se psicologicamente a partir do relacionamento com seus outros cuidadores: seus pais e os profissionais que se ocupam dele através das experiências de satisfação e cuidados puerperais. Pode-se supor que alimentar, vestir, limpar, colocar para dormir, sejam atividades instrumentais necessárias, mas banais ou essencialmente técnicas. Para criança, no entanto, esses cuidados são essenciais não só para a sua sobrevivência física, mas para a sua emergência enquanto o ser psíquico. Isto quer dizer que esses cuidados dispensados ao bebê devem encarregar-se da capacidade de humanizar esse corpo (MARIOTTO, 2009, p. 139).

Rossetti-Ferreira (2003) ao sugerir a necessária associação entre educar e cuidar nas instituições educacionais brasileiras, “aqueles que nos cuidam medeiam

nossa relação com o mundo” (p.10). De acordo com a autora a indissociabilidade entre o cuidado e a educação precisa permear todo o projeto de uma instituição, pois as famílias quando matriculam seus filhos esperam que eles sejam acolhidos nas mais variadas necessidades. Geralmente a mãe é a primeira a atender estas necessidades do bebê. Mas não necessariamente e nem sempre é ela quem ocupa este lugar e o fundamental não é que seja a mãe, mas que alguém desempenhe essa função. Mesmo que se trata de um trabalho coletivo, já que são vários bebês ao mesmo tempo, a especificidade do laço com cada um deles precisa ser assegurado. “Reconhecer as preferências de cada pequena criança, respeitar seus ritmos e individualizar os cuidados dispensados para cada uma são atividades que fazem parte dessa empreitada” (MARIOTTO, 2009, p. 139-140).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as pesquisas realizadas, concluí que para o psicanalista Winnicott o bom funcionamento do laço com a mãe é o que permite à criança organizar o seu EU de maneira sadia e estável. A dependência psíquica e biológica da criança em relação à mãe tem uma importância considerável. Para o autor, o bebê nunca existe por si só, mas sempre e essencialmente como parte integrante de uma relação. Se a mãe estiver incapaz, ausente ou, pelo contrário, demasiadamente intrusiva, a criança não terá um desenvolvimento saudável.

Na psicanálise winnicottiana a mãe e o ambiente são indissociáveis. No início, a mãe é o ambiente, e apenas gradualmente vai se transformando em algo externo e separado do bebê. O ambiente facilitador criado pela mãe suficientemente boa traz ao bebê uma perspectiva positiva do mundo exterior. A afetividade demonstrada nos cuidados maternos, permite ao bebê se desenvolver emocionalmente, pois pode confiar no amor que lhe é demonstrado, isso seria o ponto fundamental dessa teoria.

Uma importante constatação é de que Winnicott não pretendeu ensinar as mães a serem suficientemente boas, até porque não é algo a ser ensinado. Alguns estudiosos da teoria asseguram que o autor, talvez, quisesse proteger as mulheres de uma puericultura que poderia limitá-las e de uma psicanálise que poderia culpá-las. Para isso ele apresenta uma teoria que assegura que as mães sabem o que fazer. “Sem dúvida as mudanças fisiológicas sensibilizam a mulher para as mudanças psicológicas mais sutis que se seguem” (WINNICOTT, 1982b, pp. 51-52).

Ele sugere que a dimensão psíquica do cuidado materno, surge a partir da dimensão fisiológica do corpo. Evitando desta forma práticas intervencionistas, comuns na época. Para o autor este estado especial da mãe faz com que ela seja capaz de compreender o bebê por meio de uma surpreendente capacidade de identificação, constituindo-se com ele em uma unidade.

Para o autor ser uma mãe suficientemente boa, não passa pelo intelecto, deve ser apenas vivido, mais do que tudo sentido. Para que dessa forma, a mãe consiga mostrar ao seu bebê que a vida é digna de ser vivida.

Em relação o acolhimento do bebê na instituição educacional por meio da abordagem Winnicottiana, percebe-se que para o autor, o bebê não existe sem sua mãe, dessa forma, a família deve ser acolhida junto com o bebê. O autor sugere, que mesmo com a ausência da mãe, o bebê poderá recorrer as experiências vivenciadas na relação mãe-bebê, para que seu EU, mesmo que ainda não integrado, possa continuar existindo.

Dessa forma, quando a creche realiza um acolhimento humanizado, possivelmente o bebê poderá iniciar uma relação com o ambiente exterior de maior confiança, sendo esse momento importante para seu desenvolvimento psíquico e físico. Ele poderá desenvolver um vínculo afetivo com os professores e demais crianças.

Contudo, se entende que o estudo da teoria winnicottiana pode ajudar os profissionais que trabalham na Educação Infantil. Estes conhecimentos podem ser relevantes, contribuindo de forma efetiva para o planejamento do acolhimento, das rotinas e das possíveis dificuldades psicoemocionais envolvendo o bebê. Entender a teoria da mãe suficientemente boa, traz para dentro do espaço da educação infantil, mais humanização para lidar com os conflitos das famílias e dos bebês que ingressam na creche.

Também é certo, que Winnicott pode ser criticado pela falta de protagonismo do pai na relação com o filho, prescrevendo, por meio da psicanálise, uma lógica determinista de gênero para as funções de cuidado de crianças. Um aprofundamento na teoria winnicottiana, relacionando com outras teorias, poderia ser uma forma crítica de revistar a psicanálise winnicottiana.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **BNCC - Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC. 2018.

Disponível

em:

<  
[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC EI EF 110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)> Acesso em 27 de mai. de 2020.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

\_\_\_\_\_. **LDB – Leis de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394. 1996. Disponível em:<  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm) > Acesso em 01 de jun. de 2020.

DIAS, E. O. **A Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2003. Disponível em:  
 <<file:///C:/Users/Bruno/Downloads/A%20Teoria%20do%20Amadurecimento%20de%20D.%20Winnicott%20-%20Elsa%20Oliveira%20Dias.pdf> > Acesso em 29 de abril de 2020.

FOCHI, Paulo Sergio. **Mas os bebês fazem o que no berçário, hein?** 2013. 173fls. Dissertação (mestrado em educação) – Universidade Federal do Rio

**INSTITUTO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE WINNICOTTIANA**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://ibpw.org.br/donald-winnicott/> > Acesso em 16 de abr. de 2020

JERUSALINSKY, A.; KUPFER, M.C.; BERNARDINO, L. F.; WANDERLEY, D.; ROCHA, P.; MOLINA, S.; SALES, L.; STELLIN, R.; PESARO, M. E.; LERNER, R. **Valor Preditivo De Indicadores Clínicos De Risco Psíquico Para O Desenvolvimento Infantil: Um Estado A Partir Da Teoria Psicanalítica**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 1-33, 2009. Disponível em: <  
[file:///D:/Deborah%20Facul/OneDrive-2020-05-24/valor\\_preditivo\\_de\\_indicador\\_2009\\_inedito.pdf](file:///D:/Deborah%20Facul/OneDrive-2020-05-24/valor_preditivo_de_indicador_2009_inedito.pdf) > Acesso em 25 de mai. 2020.

LOPARIC, Z. **A Teoria Winnicottiana do Amadurecimento Pessoal**. *Infanto*, 7, suplemento 1, 21-23, 1999. Disponível em:  
 <[http://www.psiquiatriainfantil.com.br/revista/edicoes/Ed\\_07S1/in\\_22\\_09.pdf](http://www.psiquiatriainfantil.com.br/revista/edicoes/Ed_07S1/in_22_09.pdf) > Acesso em 19 de abr. de 2020.

LOPARIC, Z. **Esboço do Paradigma Winnicottiano**. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, vol. 11, n. 2, 2001. Disponível em: <  
<https://ibpw.org.br/wpcontent/uploads/2001/01/%E2%80%9CEsbo%C3%A7odoparadigmawinnicottiano%E2%80%9D.-Cadernos-de-Hist%C3%B3ria-e->

[Filosofia da Ci%C3%Aancia-vol.-11-n.-2-pp.-7-58-2001..pdf](#) > Acesso em 24 de mar. 2020.

LOPARIC, Z. **Esboço do paradigma Winnicottiano**. Revista Latino-americana de Psicopatologia fundamental, 2002. Disponível em: < <https://ibpw.org.br/wpcontent/uploads/2002/01/Winnicott%E2%80%99sParadigmOutlined.pdf> > Acesso em 17 de mai. 2020.

LOPARIC, Z. **Winnicott e Heidegger: afinidades**. Boletim de novidades, janeiro de 1995 (p. 53-60). São Paulo: Pulsional. Disponível em: <<https://ibpw.org.br/wpcontent/uploads/1995/01/%E2%80%9CWinnicotteHeideggerafinidades%E2%80%9D.-Boletim-de-novidades-janeiro-de-1995-pp.5360.S%C3%A3o-Paulo-Pulsional..pdf> > Acesso em 30 de abr. de 2020.

LOPARIC, Z. **Winnicott e M. Klein: conflito de paradigmas**. In I. F. M. Catafesta (org.), A clínica e a pesquisa no final do século Winnicott e a Universidade (pp. 43-60). São Paulo: IPUSP. 1997. Disponível em: < <https://ibpw.org.br/wpcontent/uploads/1997/01/%E2%80%9CWinnicott-e-M.Kleinconflito-deparadigmas%E2%80%9D.-In-Catafesta-Ivonise-F.-da-M.-Org.Acl%C3%ADnica-ea-pesquisa-no-final-do-s%C3%A9culo-Winnicott-e-a-Universidadepp.-43-60.S%C3%A3o-Paulo-IP-USP-1997.pdf> > Acesso em 10 de fev. de 2020.

LOPARIC, Z. **Winnicott: uma psicanálise não-edipiana**. Percurso, vol. 9, n. 17, 1996. Disponível em : <<https://ibpw.org.br/wp-content/uploads/1997/01/%E2%80%9CWinnicott-uma-psican%C3%A1lise-n%C3%A3o-edipiana%E2%80%9D.-Revista-de-Psican%C3%A1lise-da-SPPA-vol.4-n.-2-pp.-375-387-1997..pdf> > Acesso em 16 de jan. de 2020.

LOPARIC, Zeljko (1997). **Winnicott: uma psicanálise não-edipiana**. Percurso, ano IX, n. 17, p. 41-47. (Reeditada em 1997: Revista de Psicanálise da SPPA, v. IV, n. 2, p. 375-387.)

MARIOTTO, R. M. M. (2003). **Atender, Cuidar E Prevenir: A Creche, A Educação E A Psicanálise**. Estilos da Clínica, 2003, Vol. VIII, no 15, p.34-47. Disponível em: < <file:///D:/Deborah%20Facul/OneDrive-2020-05-24/Marioto.pdf> > Acesso em 25 de nov. De 2019.

MARIOTTO, R. M. M. (2009). **Cuidar, educar e prevenir: As funções da creche na subjetivação de bebês**. São Paulo, SP: Escuta

MEC. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). **Censo da Educação Básica: Notas Estatísticas – 2019**. Disponível em: < <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/0/Notas+Estat%C3%ADsticas+-+Censo+da+Educa%C3%A7%C3%A3o+B%C3%A1sica+2019/43bf4c5b-b4784c5dae17-7d55ced4c37d?version=1.0> > Acesso em 18 de mai. de 2020.

ORTIZ, Cisele. **Adaptação e Acolhimento: Um cuidado inerente ao projeto educativo da instituição e um indicador de qualidade do serviço prestado pela instituição.** 1999. Disponível em: <  
[file:///D:/Deborah%20Facul/OneDrive20200524/acolhida-cisele-ortiz%20\(1\).pdf](file:///D:/Deborah%20Facul/OneDrive20200524/acolhida-cisele-ortiz%20(1).pdf) >  
 Acesso em 25 de mai. De 2020.

ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de. **Interações: ser professor de bebês-cuidar, educar e brincar, uma única ação.** São Paulo: Blucher, 2012.

PHILLIPS, A. **Winnicott.** São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar Augusto. **O Ingresso e Adaptação de Bebês e Crianças Pequenas à Creche: Alguns Aspectos Críticos.** *Psicol. Reflexa. Crit.*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 81-95, 2001. Disponível em:  
 <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722001000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722001000100007&lng=en&nrm=iso) > Acesso em 12 de mai. de 2020.

RIBEIRO, M. J. **O início das vivências escolares: contribuições da obra do psicanalista D. W. Winnicott.** *Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, [S.l.], v. 2, n. 11, mar. 2018. ISSN 2359-246X. Disponível em: <  
<http://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3122/2606>>. Acesso em: 21 mai. de 2020.

ROCHA, M. P. **Elementos Da Teoria Winnicottiana Na Constituição Da Maternidade.** 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Núcleo de Estudos e Pesquisas de Práticas Psicoterápicas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <  
<file:///C:/Users/Deborah/Desktop/Dissertação.pdf> > Acesso em 01 de abr. de 2020.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. A necessária associação entre educar e cuidar. *Pátio Educação Infantil*, ano I, n. 1, p. 10-12, abr. - jul. 2003

SOUZA, A. A. O. de. **A Inserção de Bebês na Creche e a Separação Como Operador Simbólico.** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação, Área de Concentração: Psicologia e Educação) – Faculdade de Educação de Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <  
[file:///D:/Deborah%20Facul/OneDrive20200524/ANDREIA APARECIDA OLIVEIRA DE SOUZA.pdf](file:///D:/Deborah%20Facul/OneDrive20200524/ANDREIA_APARECIDA_OLIVEIRA_DE_SOUZA.pdf) > Acesso em 25 de mai. De 2020.

THE GAZETTE: Official Public Record, 1665. Disponível em: <  
<https://www.thegazette.co.uk/about> > Acesso em 21 de nov. de 2019.

WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e seu mundo** (A. Cabral, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. 1966.

WINNICOTT, Donald Woods. **A Família e o Desenvolvimento Individual**. 4ªed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. Disponível em: <<file:///D:/Deborah%20Facul/WINNICOTT-FAMÍLIA-E-O-DESENVOLVIMENTOINDIVIDUAL.pdf>> Acesso em 05 de mar. de 2020.

WINNICOTT, Donald Woods. **Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais**. 1953, (p. 13-44). Disponível em:< [http://donaldwoods.pbworks.com/w/file/fetch/99552535/1953c\\_Objeto%20transicionais%20e%20fen%C3%B4menos%20transicionais.pdf](http://donaldwoods.pbworks.com/w/file/fetch/99552535/1953c_Objeto%20transicionais%20e%20fen%C3%B4menos%20transicionais.pdf) > Acesso em 18 de mai. de 2020.

WINNICOTT, Donald Woods. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975. Disponível em: < [file:///D:/Deborah%20Facul/Livro\\_Winnicott%20\(1\).pdf](file:///D:/Deborah%20Facul/Livro_Winnicott%20(1).pdf) > Acesso em 15 de abr. de 2020.

WINNICOTT, Donald Woods. **Os Bebês e suas Mães**. 4ªed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.